

EDITORIAL

Amantes desarmantes...

Nada sei

*Nada sei dessa vida,
Vivo sem saber:
Nunca soube, nada saberei,
Sigo sem saber.*

*Que lugar me pertence
Que eu possa abandonar,
Que lugar me contém
Que possa me parar.*

*Sou errada, sou errante,
Sempre na estrada,
Sempre distante,
Vou errando enquanto o tempo me deixar.*

*Nada sei desse mar.
Nado sem saber
De seus peixes, suas perdas,
De seu não respirar.*

*Nesse mar
Os segundos insistem em naufragar.
Esse mar me seduz
Mas é só pra me afogar.*

*Sou errada, sou errante,
Sempre na estrada,
Sempre distante.
Vou errando enquanto o tempo me deixar passar,
Vou errando enquanto o tempo me deixar.*

Kid Abelha
Composição: Paula Toller/George Israel

Vivo simplesmente ouvindo e contando histórias. A Vida vive me ensinando, isto é, colocando em meu corpo, tecido de alma, pequenas sementes de esperança, a frágil verdade de que ser contadora de histórias é uma forma de encantamento pela Vida mesma. Sei que somos uma Humanidade feita de Palavra. Somos textos, tecidos vivos em relação. Nossos contos e auto-contos, nossos textos de relação, são o espaço para a construção de relações recriadas, de “outros mundos possíveis”.

Percebo, nos caminhos e geografias percorridos pela “alma-corpo-alma”, sobretudo de mulheres empobrecidas que fazem leitura popular e feminista da Vida e da Bíblia; que, através dos auto-contos e da escuta de nossos contos coletivos, nós mulheres vivenciamos um início de uma experiência místico-espiritual, experiência esta, de possibilidade de cura entre nós com a Humanidade e a Terra.

Quando nós mulheres, juntas com nossas crianças, os homens empobrecidos e a Terra, contamos nossos contos de Vida, o que acontece é como um encantamento. Chamo este processo de “*poiética*”. *Poiética* é uma palavra que pode resultar muito enfeitiçada e adocicada pelos sistemas linguísticos do poder pan-ocidental. Esse poder esqueceu-se de suas raízes errantes, pelos mares linguísticos de marinheiras e marinheiros em busca de ilhas desconhecidas.

Difícilmente ouço em nossos idiomas modernos a palavra “*poiética*”. Também para uma palavra irmã como a palavra “poesia”, a cultura violenta e patriarcal do poder do lucro e do presunçoso saber, relegou o espaço do emudecimento e do irreal chamado “feminino”.

Quando nós mulheres, de forma não necessariamente feminina, nos espaços de conto e escuta de nossas Vidas, entramos em processos de re-criação, de re-nomeação, de re-invenção, dos mundos e de suas relações, não como são, mas como desejamos que sejam, estamos exercendo um processo *poiético* feminista de libertação.

Na sua raiz grega “*poieo*” significa “fazer, produzir, criar e operar”. O escritor grego Homero usa em sua obra esse termo para dizer “fazer, construir”, como se faz uma casa ou se constrói um muro, algo de muito concreto e material. O escritor grego Heródoto, usa o termo para o trabalho do ferreiro que com o seu bater no fogo “reinventa” algo que, para um olhar desatento e alienado, isto é, longe da realidade, pode parecer duro como ferro e, por isso, impossível para qualquer mudança. O mesmo escritor usa o mesmo termo “*poiética*” para descrever a antiga arte da escrita e da descrição, do compor e do criar, do inventar e do fazer acontecer junto, artes, estas, abraçadas à arte do construir-se a si mesma e a si mesmo. Quando nós mulheres, junto com as crianças, os empobrecidos e a Terra partilhamos nossas Vidas, nomeamos as feridas e os sonhos, criamos nossos espaços sagrados de relação, reinventamos o mundo e suas possibilidades de Vida concreta, não alicerçada no “poder sobre” e na violência, estamos fazendo *poiética*, *poietizando*...

Na leitura popular e feminista da Bíblia, nós mulheres, no processo de libertação dos textos, que são nossos corpos-almas, pessoais e coletivos, com o texto bíblico, fa-

zemos poética na reinvenção de corpos e textos para a construção de “outros mundos possíveis”.

No processo de nomeação e deconstução de nossos corpos, textos sagrados, com o corpo, texto sagrado, que é a Bíblia, nós mulheres e homens de conspiração e libertação, permitimos, nos permitimos, um sentido livre e criativo do possível, uma utopia, um lugar que possa ter lugar, um mundo desconhecido e não por isso impossível, um mundo que esteja à altura de nossos desejos e que tenha horizonte sempre aberto para o impossível.

Nesta perspectiva de re-criação do mundo e de suas relações é que se insere a experiência da leitura popular da Bíblia no CEBI (Centro de Estudos Bíblicos). Queremos, com este número de Estudos Bíblicos, partilhar algumas reflexões a este respeito.

Luiz Dietrich, doce companheiro de caminhada de empobrecidos, mulheres e crianças, acompanha há muitos anos o sonho e o compromisso das comunidades na leitura popular da Bíblia. Com o artigo “Raízes da leitura popular da Bíblia” Luiz nos ajuda a percorrer o caminho binário entre teologias popular e teologia oficial, caminho, este, que trilha o corpo do texto da Bíblia com nossos corpos pessoais, coletivos e religiosos. Permanece sempre, para cada um e cada uma a pergunta evangélica: “Onde tu estás?”

Maria Madalena, na hermenêutica popular de Silvia Togneri, é o ponto de partida de construção pessoal, comunitária e social da Vida e da Vida em abundância na re-criação de relações onde, mulheres e homens, possam dizer, no horizonte da utopia realizada: “Vi o Senhor. Ele está vivo. Ressuscitou!”

A partir de sua experiência cotidiana com os grupos do Movimento das Mulheres Camponesas de Santa Catarina e das lutas contra o “naturalismo” a respeito das violências contra as mulheres, Alzira Machado se pergunta e nos pergunta a respeito da leitura popular e feminista da Bíblia e como esta possa ajudar a caminhada e as lutas das mulheres do campo. Uma releitura de Jo 8,1-11 pode ajudar na decostrução de uma realidade e de práticas machistas e violentas e na construção de horizontes utópicos de novas relações de corpos que conspiram, respiram do mesmo respiro...o respiro de um mundo não alicerçado na violência.

Celso Loraschi nos convida, nos múltiplos caminhos entre Bíblia e Vida, entre academia e compromisso com as comunidades eclesiais de base, a mergulhar na decostrução das experiências de poder. As tentações de Jesus no evangelho da comunidade de Lucas desmontam estes aparatos de poder que sufocam a vida nos pequenos e empobrecidos. Somos chamados, chamadas, a percorrer os caminhos de renúncia, denúncia e anúncio para que a Bíblia seja texto, tecido vivo que recria Vida a partir das pessoas empobrecidas.

Vera Mazureck é mulher do campo com um pedacinho maravilhado de céu refletido na cor dos olhos. Aprendeu a nomear a realidade no meio das mulheres camponesas. E’ neste chão de lutas e desafios que Vera desconfia de textos normativos e patriarcais. A partir deste chão é que Vera encontra a mulher com fluxo de sangue. É na leitura

popular que Vera escuta a voz emudecida de muitas mulheres. Desta forma, uma questão inédita, sem palavras e poder, de orla de manto e periferias de multidões, acaba assumindo profeticamente espaço central de palavra de cura.

Orides Bernardino e Benedito Clovis, educadores populares das lutas operárias das periferias de nossas cidades, trazem tatuados no corpo, tecido de alma, o texto da Vida e da Bíblia.

Biblistas do povo, professor um e pintor de casas outro, nos levam pelos fecundos caminhos de memórias exodais, de desertos e Pátrias, não ainda “Mátrias”, para reacender em cada uma e cada um o desejo que se faz práxis revolucionária e amorosa de Bíblia feita Carne armando sua tenda na História do Povo.

Uma boa leitura para que a partilha de Vida e Bíblia faça nascer poiética, aquela práxis inseparável de prática, compromisso e reflexão entre Vida, sobretudo a Vida das pessoas mais empobrecidas, é Vida. Assim seja.

Maria Soave Buscemi
mariasoaveb@yahoo.com.br